

Gaiato

10 DE FEVEREIRO DE 1968
ANO XXIV — N.º 624 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



4 CASA MÃE DO NOSSO «CALVÁRIO» DE BEIRE — PAREDES.

Calvário

Por

P. Baptista

A senhora Rosa, pequenina, de olhos risonhos, vivia só nas lezírias do Ribatejo, sobre papéis, numa barraca de madeira. Sobrevem-lhe trombose cerebral e fica mais só ainda, porque sem a ajuda de si mesma. Hoje está connosco.

Para os lados de Mira, pobre anormal paralítico, vive num curral, espojado sobre trapos imundos, ao frio, à fome, comendo por vezes das próprias fezes. Tenho aqui ao lado a fotografia. Causa nojo. Mas é a de um ser humano. Tenho que apelar para a fé, se quero encarar dignidade neste ser repelente. É um irmão que sofre abandono.

Caminha-se presentemente a largos passos para a união dos cristãos. Entre nós, porém, na maioria da mesma confissão cristã, não se sente muito fortemente este apelo à unidade. Talvez nos pareça até, que já estamos bem unidos. Mas não. Estamos longe, e bem longe da união autêntica. Enquanto eu não der um passo para este e para os outros seres que apodrecem em transe idêntico, mantenho-me longe do caminho para a verdadeira união. Estou em franca desunião. *Vai primeiro reconciliar-te com teu irmão* — diz Cristo no Evangelho. A religião cristã tem aqui seu começo prático. Não importa que esse irmão nada me diga. Tantos deles estão impotentes para balbuciar seja o que for. Mas a sua situação é já apelo forte ao meu viver tranquilo. É preciso saber do que eles carecem. E a tantos levantá-los da miséria. Deus não nos atende antes deste começo. *Vai primeiro reconciliar-te com teu irmão*. Claro que uma religião assim não é cómoda. Perturba a tranquilidade dum viver sereno. Afasta os egoístas de todos os recantos do mundo. Mas é religião séria. Nela homem algum é olvidado, pelo contrário, todos contraem deveres para com os outros. Religião assim inquieta. E inquieta porque implica com o agir de todos em prol de todos.

Por outro lado, não se julgue que esta acção fraterna é monopólio de uns tantos. Não é um grupo especializado ou determinado que tem obrigação de atender aos que precisam. No cristianismo não há criados que servem, e senhores que pontificam. Todos são servos uns dos outros, cada qual consoante sua capacidade, mas todos servos. O dever de amparar o próximo, é, pois, dever comum. Neste aspecto temos sido involuntariamente coniventes com alguns que desejam libertar-se de pesadelos familiares. E, simplesmente, porque enganados, até por pessoas bem

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

Como a família é verdade!

Para mim tem sido esta uma das constatações mais felizes nas visitas a Afri-
ca. Foi assim em 1960. Tornou a ser, mais ou menos, nas outras quatro vezes em
que por cá andei. Nesta foi-o em cheio. E faz-nos bem! Quando a gente olha de per-
to, nem sempre vê fielmente em relação ao objecto, sobretudo quando este tem grande-
za de si-mesmo. Afastar-nos e deixarmos que o tempo «envelheça» a visão, purificando-a
— dá-nos uma perspectiva mais real e firma-nos no caminho da exactidão. Conforta-
-nos, tonifica-nos para a caminhada difícil que falta andar.

No dia da chegada a Lourenço Marques estiveram no cais e em casa todos
os nossos ao Sul do Save. Outro, de muito mais longe, fez-se presente e presenteou-nos
com a felicidade que teria se pudesse estar. Nós experimentámo-la por sobre a distância.

O nosso Natal foi saborosíssimo. Poucos, relativamente
à dimensão normal da Família nas nossas Casas, pudemos
sentir-nos mais de perto. Todos os que vivem, em Lou-
renço Marques vieram consoar connosco. Depois foi uma
serejada alegre em volta da fogueira, que terminou à meia-
noite, em seriedade, em redor do Altar.

O carinho da Família de fora fez-se sentir de uma
maneira inequívoca nos mimos de que nos encheram ao
ponto de, no capítulo de gulodices, para que se não
estragassem, nos vermos obrigados a imperar uma lei iné-
dita: «Quem não comer bolos, não come sopa nem con-
duto».

Mas ninguém estranhará nem levará a mal que a
ternura dos de dentro nos fale ainda mais alto. Cartas
de vários, presenças vivas do Brasil, da África, da Euro-
pa... Presenças individuais; uma colectiva:

«Padre Carlos, Padre José Maria, restante Família.
Dia de Natal! Dia de Família!

Tão habituados estamos aos votos de boas-festas sem
as vezes lhes sabermos o significado! Vós, porém, formais uma
Família do nosso Caule tão familiar. Inaugurastes há pou-
co essa Casa do Gaiato à imagem daquelas onde nós
aprendemos a ser alguém. É neste dia, portanto, que esta
pequena irmandade de Cacia vos recorda e vos augura
Festas alegres, bom Natal e que o novo Ano vos traga
tudo o que de bom desejam.

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

Festas

Começaram os ensaios. En-
trámos no reboiço! São as
Festas. Para já a do «Coliseu
do Porto» em 7 de Março e
«Avenida» de Coimbra em 11
de Março, também.

José Ferreira, sucessor de
João da Rocha, é o cabeça da
parte artística. Ele está com
interesse em não desmerecer o
nível que a nossa presença
atingiu nos últimos anos, em
alguns dos melhores palcos do
país. Noto-lhe um interesse
crescente pelo seu trabalho e
isto, consola-nos.

Foi há dias.

— Que tens?

— A malta (os artistas) pre-
cisa de corresponder...

Eu vibrei. As Festas estão.
me no sangue. E na alma. São
momentos que a Obra já não
pode dispensar. São a presen-
ça ao vivo da Obra junto dos
que nos amam — a Família
de fora. Em sentido de Igreja,
um compartilhar de momentos
de euforia espiritual necessá-
rios ao peregrinar de todos —
Família de dentro e de fora.
Dentro do que lhe é possí-

vel e pode dar, José Ferreira
não descarta o mais pequeno
pormenor. Solicitou a colabo-
ração cenográfica do nosso Pa-
dre Baptista — um grande ar-
tista. E foi de caminho até
Mongão por via da parte musi-
cal. E graças à prontidão do
maestro, nosso colaborador,
vão também começar os en-
saios do conjunto musical. Não
falemos, para já, do guarda-
roupa...

Enfim, principiou o reboiço.
Começaram os nossos traba-
lhos. E que trabalhos! Demos
graças a Deus por eles.

Os bilhetes para o Coliseu
já estão à venda, nos locais
do costume, um mês antes do
grande dia, por via dos mais
atrazadinhos. Aos mais entu-
siastas basta o primeiro pregão
e previnem-se logo. Não ficam
na rua. E adoptam o melhor
processo.

Júlio Mendes



Como já é tradição no primeiro dia do ano, alguns rapazes que têm familiares mais próximos, vão estar parte do dia com eles. Este ano também foi assim. Vão sós. Entregues a eles mesmos. Livres. Vão pelo seu pé. Recebem o dinheiro para a viagem, se de mais longe.

Ao fim da tarde regressam. Sós. Livres. Ninguém os vai buscar. Não são vigiados. Podem fugir se quiserem. Não há guardas a deitar-lhe a mão. Podem fazer o mal. Felizes porque o não fazem. Aqui está a verdadeira liberdade: poder fazer o mal e não o fazer. O contrário é libertinagem. Podem ficar na rua que lhes serviu de escola durante anos e dela trazem a marca. Vêm companheiros antigos. Colocam-se em tentativa. Mas não caem. Regressam. Querem salvar-se.

Sucede que não gastam o dinheiro da viagem, porque arranjam boleia. Podiam gastá-lo mal. Ninguém saberia. Mas não. Entregam-no de novo. Se lhes sobra, entregam também. Meus olhos viram tudo isto. Minhas mãos recolheram. Meu coração encheu-se de felicidade.

Nós somos desta escola. Não queremos outra. Corremos o risco. Damos oportunidades de heroísmos. Confiamos. Uma ou outra fraqueza em nada destrói o valor deste proceder. Valoriza-o.

x x x

Somos uma família cristã. Creemos firmemente que a razão de ser da força da «Obra da Rua» está aqui: em ser uma Obra da Igreja ao serviço dos homens.

Ao findar o dia, reúne-se a família para a oração comum, como é normal em toda família que crê. A bola pára. Os trabalhos e demais ocupações cessam. Faz-se silêncio. É a hora de Deus. É a hora do diálogo com Ele.

Um deles, à vez, começa. Todos, acompanham. São eles. Ai de mim se os empurrasse! Se fosse eu a presidir! Seria um fracasso. Mas são eles e tudo corre bem.

Já tem acontecido chegar um visitante à hora do nosso terço. Pára. Observa. Contagia-se. Senta-se também no degrau da varanda ao ar livre. São 80 corações, a uma, a falar a Deus e à Virgem. Que maravilha, dizem. Que milagre! Ontem, era o pavão; a blasfêmia; a palavra suja. Hoje é o nome de Deus e da Virgem pronunciado com respeito, com Amor. Ontem, era o farrapão a afastar, a meter medo; hoje atrai, contagia.

x x x

Gostava que na altura das Festas de Natal e Ano Novo assistis-

ses ao prestar das contas dos vendedores de «O Gaiato». Gostava que visses a alegria, o entusiasmo deles. Porquê? Os acréscimos subiram. Traziam os bolsos cheios! Podiam ficar indiferentes, se a Obra não fosse deles. Se houvesse o sr. Administrador mais o senhor Director, mais os senhores vigilantes e eles fossem elementos secundários. Mas não é assim. Sabem que é para eles que trabalham, que correm, que ouvem o que não deviam ouvir, que suam. Quando os vês na rua e os recebes bem estás a ajudá-los. Eles sentem. Eles vibram com o teu carinho e sofrem com a tua indiferença. Dá-lhes a mão, não os escorraças. Eles serão, um dia, tuas testemunhas de defesa diante dos homens e diante de Deus. Se ouvisses o que eles me dizem quando te vêm passar na rua: «Aquele é um grande amigo meu, dá-me sempre x quando vou levar-lhe o jornal». Eles são assim. Medem a tua amizade pela tua generosidade.

x x x

Agora, uma confidência. Há uma grande confusão em casa. Começou o novo Ano com um grande sarilho. Eles querem formar um conjunto musical. Tem havido uma certa dificuldade no acompanhamento musical das nossas Festas anuais e querem curar o mal pela raiz. A formação de um conjunto é a solução do problema. Há tempos, um grande grupo de Amigos da primeira hora, pensando da mesma maneira, deu-nos um empurrão. Mas não podemos ir muito além, por causa dos compromissos resultantes do levantamento da Aldeia. E continuamos com eles sobre os nossos ombros.

Mas não se calam! Vêm na música uma ajuda no seu aperfeiçoamento. Uma ocupação para os momentos livres. Um instrumento de elevação. Razões sérias, não há dúvida. Há muito que estou convencido de que assim é, mas... vamos ver como se resolve esta complicação.

x x x

Este mês tem sido aflitivo. É o telefone. São as cartas. São os pedidos orais. A notícia da Casa Mãe pronta lembrou compromissos assumidos anteriormente. É sentida a necessidade de se dar amparo à criança abandonada. E quanto antes. Até aqui está tudo muito certo. Mas não bastam condições materiais. É necessário que haja quem se dê. Quem esteja disposto a perder a vida para salvar outras vidas. Desinteressadamente. Abnegadamente. Sem esperar outra recompensa que a da semente que é lançada à terra e morre para dar fruto. Dentro de pouco tempo a Casa Mãe cumprirá integralmente sua missão. Aguarda-se a chegada da Senhora que escolheu «perder a vida para salvar vidas». São poucas as que escolhem este caminho. O caminho da abnegação. O caminho do amor desinteressado.

x x x

Aquela mãe nativa trazia o pequenino de peito ao colo. Em casa deixou 6. Perguntei-lhe pelo pai das crianças. Que não sabia. Cada um filho de cada pai. E todos desapareceram. Ficou ela mais os filhos. Eram seis. O mais pequenino tinha meses. E houve de ficar calados? Quem defende o direito destes pequenos a ter pai? A lei abandona-os. Mais tarde revoltar-se-ão contra a lei que os abandonou. E as Cadeias enchem-se. E os juizes põem as mãos na cabeça. Porque não o fazem antes?

Esta mãe veio pedir-nos que tomássemos conta dos filhos. Dissemos que sim com a mágoa, porém, de que o problema continua de pé.

Padre Manuel António



Cont. da PRIMEIRA página

intencionadas. Supõem estas cumprir melhor o dever fraternal, entregando a outrém a carga que lhes pesa, alegando que aqui fica melhor entregue. Ora nós não queremos, nem devemos de modo algum tirar responsabilidade a quem a possui.

Estes senhores vêm do Porto. Trazem um velhinho, já enfermo. Estão cansados. Querem pagar. Preferem contribuir. Mas não. Queremos ser só para os que não conhecem ninguém. É o nosso intento e proposição.

Se o cristianismo nos impõe a todos a procura daqueles que precisamos, muito mais, nos coage so-

bre aqueles que moram a nosso lado, proventura unidos por laços de sangue, de classe, de vizinhança. No entanto, muitos anseiam por libertar-se do fardo. Não queremos tirar responsabilidade a quem a tem. Outros porque encaram as necessidades alheias só à escala de agrupamentos humanos, não reparam no indivíduo que precisa. São razões subtis para fazer mais, não fazendo o menos. Amar o Pobre, pobre e modestamente, sem que o mundo dê conta da nossa acção, é tão difícil! Gostamos que ele veja o nosso agir. E apreciamos ainda mais vermo-nos no que fazemos. Pior ainda.

Padre Baptista



bom para as 20 teceadeiras que trabalharam dia e noite nos cha. es. Com a ideia que nos pedissem também muitas camisoladas, as raparigas foram incansáveis a trabalhar. É certo que se venderam muitas, mas ainda ficamos com um armário cheio delas. E enquanto não nos pedirem estas, não lhes posso dar trabalho. O caso era fácil de remediar: bastava que 80 pessoas pedissem uma camisola, e com ela, agasalhassem 1 Pobre, e há tantos, em todas as terras, e por vezes bem próximos de nós, a tiritar de frio, nesta quadra do ano. Mãos à obra Senhoras! E dêem alegria a quem quer trabalhar. Não, é só pelo Natal que o Pobre precisa de se agasalhar, e ser melhor alimentado! Quem assim pensa, não pratica as obras de misericórdia como Deus quer. O verdadeiro amor não conhece bar-

Cont. na TERCEIRA página

para os «padres da rua» um «Cantinho» seu. Mas eu sei que a maior parte da Família de fora as estima muito também. E àqueles que, porventura, as julguem coisa de somenos, eu chamo-lhes a atenção para a eficácia saneadora dos valores familiares nesta sociedade esquecida de que «todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão»; e reciprocamente.

Como a família é verdade!

Cont. da PRIMEIRA página

Os vossos...» — e assinavam os três, dois deles já chefes de Família.

Já na consoada estivera um dos nossos da África do Sul e sua Mulher. No Santíssimo Nome de Jesus esteve outro, que me desafiou e levou no seu carro até Johannesburg e ali me recebeu em sua casa. Domingo seguinte este e outro acompanharam-me ao peditório nas Igrejas dos portugueses e desceram comigo ao meio do Povo, de saca na mão no fim da primeira Missa, am-

bos, de olhos brilhantes, me disseram: «Que saudade e alegria me deu, depois de tantos anos, ouvi-lo falar da nossa Obra!» E como o Pároco me sugerisse que falasse mais e mais concreto da história da Obra, um deles, justamente o melhor lançado na vida e mais conhecido no meio, adiantou: — Fale de nós. Diga que podíamos ter sido uns bandidos e estamos neste ponto, graças à Obra!

E eu falei. Com que veemência eu não falei, cheio como estava!

Mais tarde apareceram outros dois casais nossos. Faltava apenas o Camilo. Mora mais longe. Os outros não sabiam bem onde e o tempo não chegava para procurá-lo. Pois, à hora da partida deu ele connosco. No seu todo rude de pôveiro disse da vontade de ter ido a Lourenço Mar-

ques quando soube da nossa vinda, mas a vida só agora começa a endireitar. «Por isso — acrescentou, estendendo-me um sobrescrito — tome lá este pouco e vamos a ver se a sorte me ajuda a voltar com mais». Só mais tarde, na viagem de regresso, abri o sobrescrito. Eram 100 Randos.

Nem sempre é assim. Há os que fogem e escondem a sua ascendência, de gaiatos. Nesta volta também um, com certa confusão, me pediu que em certo meio o não apresentasse como gaiato. Tentei compreender e julgo que não foi de todo em vão a tentativa. Mas não deixa de ser também uma fraqueza na fé e devoção familiar. Tanto mais que, numa melhoria de vida que aí vem, bem lha abrevia o facto de ter sido gaiato. Que ele considere!

Estas notícias poderiam ser



Laurindo tem andado de roda de mim para escrever «Vistas de dentro». Eu tenho sentido bem o seu chamamento, e por isso não juço, tomo-o por primeiro personagem.

xxx

Natal. Em cada lar, em cada lareira, todos saboreamos o Natal. As Casas do Gaiato não fogem à regra daquelas famílias numerosas que sentem e vivem esta festividade. Laurindo, Pisco, Rogério e Campos vêm isso. Eles andaram de roda da Festa do Natal.

Laurindo tem iniciativa. Chama e nós vamos. Eu gosto tanto quando um rapaz me chama!

Eu anseio muitos Cristos para que o rasto de João não seja



VISTAS DE DENTRO

mais do que anunciar a vinda do Homem Consciência, do homem razão. Nós queremos Cristos a aparecer, para que os Joões se diminuam.

Com muito gosto fui ajudante do Laurindo, nos ensaios e iniciativas dessa Festa. Como sinto Pai Américo com a sua tese: «Toda a liberdade dentro da máxima responsabilidade», «dê-se ao rapaz todo o poder e iniciativa».

Laurindo, Pisco, Rogério,

Campos, Freixedas, dão provas e testemunham o sentido do querer de Pai Américo.

xxx

Hoje soube que «Malhado» tinha fugido. Ontem deram-me a notícia de que tinha ferido com uma colher uma das vistas do «Estromex». «Estromex» é refeitório, e está em situação crítica por via do lugar que ocupa. O Refetório é lugar de expan-

são. Não sei de onde saiu o atrito nem de que lado a razão, o que sei é que «Malhado» tornou a fugir, com medo ao tribunal. É um dos muitos atrofiados que temos provenientes do ambiente em que foram gerados.

Ora, aqui a nossa queixa: Os nossos padres não sabem o que hão-de fazer, quando nos batem à porta ou vamos por eles: Rapazes que precisam doutro meio, doutros cuidados, vêm para nós, empatar o desenvolvimento doutros. Mas porque não há quem olhe e quem acuda, os nossos padres dizem sim. Nós não somos para deficientes mentais. Acudimos a todos. Os mais repelentes da rua são nossos, e por via disso a existência das nossas Casas.

Para aqueles deficientes devia haver onde e quem os tratasse como precisam e merecem. Não como naquele hospital, onde apalpei o sentir dos doentes, mais a frieza dos que olham por eles. Recordo a cura dum dos doentes, que tinha aversão à comida. Um dia, alguém, com amor lhe disse: «Coma, faça de conta que é meu pai». E daí prá frente, o homem que era alimentado a sôro, começou a comer por sua mão. Eu fui testemunha!...

xxx

Natal. Que bom! Todos nós aqui em Casa o saboreámos. Falo das butatas com bacalhau e do aniz que passou por gerupiga,

das filhoses, dos figos e das nozes. Falo da alegria familiar que sentimos no refeitório, onde Pai Américo, rodeado de luzes presidia. Da risota no salão de festas, que Laurindo mal-la sua «troupe» proporcionou. Da celebração da Santa Missa, e da unidade dos nossos na Mesa Eucarística.

Natal: sentido familiar, sentido Cristão. Renasçamos e abramos o coração na Alegria, na Justiça e na Verdade. Eis o nosso Natal. Obrigado, Senhor, por Ele.

xxx

Noutro dia apareceu nas nossas oficinas uma senhora a perguntar pelo Snr. Prior.

Dissemos que não estava, não tinha horas de estar.

«Vinha por via de entregar um embrulho com roupa prós rapazinhos».

Disse-lhe que os «rapazinhos», se ela quizesse, tomariam conta da roupa ou doutra coisa qualquer.

Que não. Só dava ao Snr. Prior!...

Eu refilei e torno a refilar aqui: O Snr. Prior tem mais que fazer. Qualquer dos nossos rapazes pode tomar conta. E depois entrega. Pai Américo diz: «Eles é que são...»

Os nossos Padres são por amor ao rapaz. Eis.

Ernesto Pinto

Do que nós necessitamos

Já por várias vezes me tem lembrado uma palavra de reconhecimento, pelo muito carinho que por nós sente a Família da Farmácia Alves da Silva, do Porto.

E têm sido tantos os seus préstimos!

Que nos perdoem e Deus os recompense.

E vamos às presenças que até nós chegaram, desde a última local:

150\$ de promessa. Roupas do Porto, Serpa, Lisboa, Ponte do Lima e Paços de Brandão. Camisas tirones dos Armazéns do Norte. Anónimos com 100\$, 20\$, 100\$, 20\$, 50\$, 50\$, 100\$, 50\$, 600\$, 100\$, 100\$ 50\$, 50\$, 100\$, 500\$, 20\$, 20\$, 40\$, 60\$, 25\$, 100\$, 1.000\$, 20\$, 20\$, 50\$, e 60\$. Mais 4.595\$60, produto do amealhamento feito pelo pessoal que presta serviço nas Oficinas e Armazéns Gerais da Câmara Municipal do Porto. De E. D. E., 20\$ por duas vezes. 220\$ sem qualquer referência, mas com o carimbo de Vila Meã. Mais 100\$ do Porto. E «um ano mais, nesta quadra festiva, os funcionários da Caixa Têxtil enviam 1.760\$». E-nos sempre grata a vossa presença.

E da Covilhã, esta presença: «Sou pobre e a minha família vive com muitas dificuldades, por isso estes 500\$ representam sacrifício e renúncia. Só desejo que o Senhor abençoe a minha oferta e a multiplique e também que toque o coração de todos os portugueses, para estarem presentes na vossa Obra neste Natal».

De um Columbófilo, 50\$. L. S. C. com 500\$. Em cumprimento duma promessa, 150\$. Do Porto, 50\$. Da Cooperativa Militar de Lisboa, 1.200\$. Mais 140\$ da Invieta. No mealheiro da Tabacaria Lusa, mais

150\$. Coimbra com 20\$. Igual quantia de Vilela Seca. A presença do Sr. Manuel da R. da Corticeira. O donativo anual de 1.000\$, que a Junta de Freguesia de Arcozelo nos envia pelo Natal. E os 75\$ em selos, de Amadora, vindos todos os meses.

Da Fábrica de Camisas «Regojo», algumas dúzias delas com pequenos defeitos. Berta com 50\$. Professora primária de Famalicão com 20\$. Mais 50\$ do Porto. Anónimo com 20\$. Médico militar em serviço no Ultramar, agradece graça recebida e envia 500\$. De uma promessa, 800\$ de Guimarães. António com 2 vezes 100\$. Da agência bancária de Pinto de Magalhães, em Tomar, 500\$ pelas festas natalícias. 1 cheque de 15 dólares de João A. de Oliveira, por alma de Joaquim José Oliveira. Gaia com 20\$. Maria com 50\$. E 100\$ de Amadora. 300\$ de «Uma Mãe», em cumprimento duma promessa de seu filho, que seguiu pró Ultramar, em defesa da Pátria. Parte destas presenças vieram pelo Natal.

Mais vestuário e calçado de Lourenço Marques, Entroncamento, Gaia, Barreiro e Figueira da Foz: 1 corte de sola de Monteiro Ribas e 2 cobertores de Loriga. E mais 10 deles, de Pedro e David. E peças de fazenda para sobretudo de Cacia. De Marques Ramos & Teles, Lda, 3 pacotes com estampados, flanelas e pijamas. Nesta época de frio, são sempre recebidas de braços abertos estas encomendas. 100\$ de Celeste. O Porto com 1.000\$. Por intermédio do Pároco de Cete, 1.000\$00 do Snr. Comendador Abílio Moreira da Cunha. De «Uma Alentejana», 1.020\$ e 50 metros de flanela. E mais cobertores da Sotex.

Do sobrevivente do casal R. D., a presença habitual de 50\$. Ferreira do Alentejo com 20\$.

Cheque de 750\$ de Tondela. Esta importância refere-se ao valor de cigarrilhas que alguém deixou de fumar, para reverter a nossa favor, desde Setembro a Dezembro. Rio Tinto com 100\$, e mais 100\$ e ainda mais 100\$. Alice Ferreira com 50\$. Mais uma migalhinha de 20\$, de Luísa. Três presenças de 100\$, «Para o mais pobre dos Pobres». Aveiro com 200\$. Mais a presença amiga do Pessoal das Secções de Fiação e Tecelagem da Fábrica de Tecidos do Jacinto com 1.620\$. Anónimo de Chaves com 1 cheque de 5 contos. 20 dólares do nosso amigo marítimo, Mário Veronetto. De «Uma amargurada pelo dia 22», 50\$. E a oferta anual de 10 chales, de Correia de Carvalho & C.ª Lda.

Por intermédio de «O Comércio do Porto» e de donativos lá entregues para a Casa do Gaiato, 1.250\$. «Um pai» com 300\$. Mindelo com 40\$. Lisboa com 150\$. Igual quantia do Porto. F. T. F. com 20\$. Ass. 30325 com 20\$. Mais 500\$ de Coimbra. 120\$ de Lisboa. 100\$ de anónimo. Dum casal que seguiu para a Alemanha, 100\$. Antero com 300\$. E 350\$ do Porto. E o mais que não anotamos, mas que foi entregue no Espelho da Moda, no nosso Lar, ou ainda nesta Casa do Gaiato. Graças ao Senhor, tudo chegou.

E terminamos com esta carta do Porto que, pela sua singeleza e caridade, dispensa adjetivos. Vai tal e qual:

«Duma Omilde óprária que não se esquecesse dessa abençoado obra, e que Deus vos abençoe a vós para poderdes levar a Cruz que Deus vos deu. E a todos que vos ru-deiam».

Bem hajam.

Manuel Pinto

Cont. da SEGUNDA página

reiras e faz tudo pelo seu irmão meos afortunado. Temos 6 pessoas todas de Lisboa, com uma persistência admirável, que nunca faltam com os seus donativos pensais. Tudo é cumprido como eles dizem na sua distribuição. As camisolas temo-las de 30\$ a 60\$, conforme os tamanhos; por isso, conto com os v/ pedidos quando lerem estas linhas. Também temos soquetes para dormir e pegas. A Senhora de Lisboa, que costumava comprar estas coisas às dúzias, este ano não apareceu nem com uma palavrinha! Ficamos tristes, porque já estávamos habituadas a vê-la por aí com os seus pedidos. A Mãe das Belenitas pede-me para pôr no jornal, a nossa direcção completa, porque muitas pessoas

ORDINS

confundem as duas Casas, indo vária correspondência para lá, sendo para aqui. E isto por vezes acarreta trabalho, e confusão, principalmente quando são donativos, e não dizem a que se destinam. O mesmo acontece com a Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Portanto, os vales devem ser pagos na estação dos C. T. T. de Paço de Sousa, e toda a correspondência, dirigida para Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares — Douro I.

Maria Augusta

COLISEU

7 de Março

Às 21,30 h.

DO

PORTO

Os bilhetes para a nossa festa está à venda: dias úteis no Espelho a Moda, R. dos Clérigos, 54 e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu do Porto.



OBRA DE PAZES, PAZ, PAZES, PELO PAZES

PELAS CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

Meus caros leitores: é com muito entusiasmo que escrevo pela primeira vez para o jornal. Como o Lemos falou por alto dos estudantes da noite, eu vou falar abertamente não só destes, mas também dos estudantes de dia. Primeiramente vou focar estes últimos. Começo pelo Rogério que como já muitos devem saber é o nosso único rapaz que estuda no Liceu. Frequenta o 7.º ano e teve umas notas satisfatórias, mas ele certamente se há-de esforçar por melhorá-las. O Moreira, um rapaz cheio de qualidades, é presentemente o chefe dos estudantes e do Lar. Fez duas proezas anteriormente, ao tirar o 1.º ciclo num ano e o 2.º ciclo, parte de letras, noutro. Este ano, parece que vai bem encaminhado para outra proeza. Agora está a fazer a parte do 5.º ano que lhe falta, para não ir como soldado raso para a tropa e também para que com este 5.º ano se possa empregar num bom lugar.

Eu que frequento o 5.º ano do Liceu, (embora estude no Externato juntamente com o Moreira) vou tentar não ficar a perder. Este período tive, segundo o meu entender, umas notas baixas apesar de não ter negativas, mas eu posso fazer melhor e vou jogar

a minha cartada. Voltemos agora para a Escola Industrial.

O Campos e o Marques, se o tempo não der para o lado do mau, ambos farão o 5.º ano e acabarão o curso. São os únicos estudantes que frequentam a Escola de dia e, certamente, não estão arrependidos.

Dos estudantes da noite não há muito que dizer, visto que eles trabalham de dia e não têm muito tempo para estudar. Começemos pelo «Charua», que foi o nosso melhor estudante da época finda, (o que lhe garantiu o prémio dum relógio) parece que se está a deixar ir abaixo, mas ele já prometeu melhorar. O Teodoro, juntamente com o Jorge, o Emiliano e o Quim tiveram umas notas escapatórias e por isso merecem o nosso elogio. O Jorge e o Emiliano fizeram duas proezas — conquistaram ambos um 12 a Matemática, coisa que eles talvez não sonhassem.

Os homens pequenos, às vezes conseguem fazer coisas grandes, mas o Lemos é uma excepção. Este rapaz anda ao sabor do tempo. Se este está bom, tem notas boas, mas se pelo contrário está mau, as notas também baixam um pouco. Mas como estamos a caminho da Primavera e o tempo está a melhorar, ele também há-de melhorar. Continuando, vou falar do Carlos Alberto. Este rapaz tem boas qualidades e grandes aspirações. Eu aconselho-te a estudares e assim realizarás o teu sonho.

Por último vou falar do «Faísca», embora ele fique aborrecido comigo. O «Faísca», não sei o que tem que não se dá bem com os livros de estudo. Na época passada chumbou o ano e este período, segundo conta a lenda, já repetiu a mesma falha. Perdeu por faltas a duas disciplinas e nas outras pouco faltou para perder. E, assim, encerro esta minha crónica e espero que não os tenha aborrecido.

Boa sorte aos estudantes e felicidades para o outro período. Até à próxima.

Hotrena

Lar do Porto

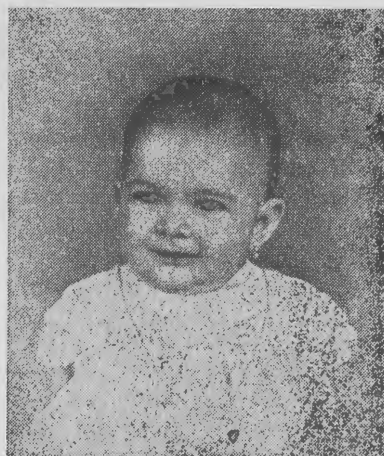
Foi logo no princípio do ano escolar que soubemos que tínhamos de escrever para este nosso jornal «O Gaiato». Comecei logo a pensar na minha vez, embora fosse ainda muito cedo, pois antes de mim ainda alguns tinham de escrever. Chegou porém a minha hora, e aqui estou cumprindo a proposta que me fora feita.

O Natal, por virtude de sua natureza e índole cristã, não representa apenas uma paralização das actividades escolares. É o reencontro da Família, a aproximação de parentes e amigos, são horas de ameno convívio ao redor da mesa festiva numa comunhão de harmonias e momentos de grata recordação.

O céu amanchava-se de vermelho para os lados de poente. O sol havia descido no horizonte e as sombras agitavam-se a cada instante. Estava frio. Os pássaros cantavam, mas não alegremente. As árvores estavam despidas. Os seus braços esqueléticos, erguidos para o céu, pareciam implorar piedade. Era um dia de férias.

Depois de alguns dias de descanso entrámos novamente em actividades escolares.

Alcino Américo



Marília, de 5 meses, filha de Manuel Maria Dias

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Foi há dias. Era a hora do correio. Montes de cartas. E de encomendas. Um mundo de trabalho. Abre-se a porta do escritório. E entra a sogra e a mulher de um homem que sofrem os horrores da subalimentação. Ele é, mesmo, doente por via da fome e dos trabalhos da sua vida de pai sem ter quê pra dar aos filhos.

Já conhecia a história. E tinha dado voltas para procurar remediar ou solucionar o problema. Mas... a coisa não havia meio de entrar nos eixos. Foi ao médico. Tirou chapas... O mal é da fome! Precisa mas é de comer e de trabalho adequado ao físico, à sua arte, que não lhe exige esforço demasiado.

Como o Senhor não dorme, no meio da barafunda da nossa vida lembrou que nos agarrássemos ao telefone, suplicando trabalho a um industrial cristão. Descrevemos o caso em meia dúzia de palavras que os telefonemas da rede automática são a peso d'ouro. Bem poderiam ser mais económicos... Mas pra bom entendedor meia palavra basta. «O homem que venha já. Se puder, até almoça comigo», respondeu-nos. Fiquei confuso! E dei graças a Deus, pois o mundo sofre dos males da era técnica e materialista...

Ao fim do dia sentei-me à mesa, confortado pela atitude daquele industrial: um Vicentino que conheci, recentemente, em um dos maiores dias do calendário cristão, colaborando na

visita a uma prisão do norte do país, que culminou com a Celebração Eucarística. Estou a vê-lo: discreto, feliz, alma cheia de Cristo padecente.

O nosso homem, sem que lhe perguntasse, relatou-me espumante, o primeiro encontro com o seu Patrão: «Entro ao serviço no dia 1. É um trabalho muito bom. E o Patrão, além de me pagar a viagem de regresso, ainda me deu X. Vou passar a comer e a pemoitar em casa dele, com certeza. E ao fim da semana venho a casa».

O subalimentado transfigurou-se! Ele que é, por natureza, tímido, unvergonhado... Pois que saiba merecer o Patrão. Será a melhor prova de retribuição pela sua delicadeza cristã.

x x x

O QUE RECEBEREMOS — Hoje temos muito pouco para acusar recepção! Mas demos graças a Deus por quanto nos chegou às mãos:

De S. João da Madeira 100\$ que foram divididos em partes iguais com os Vicentinos do nosso Lar do Porto. Mais 30\$ da Av. Casal Ribeiro — Lisboa. E mais 25\$ do assinante 259. Note bem: A outra parte Sr. Padre Abraão encaminhou-a para os nossos colegas do Porto. Mais 20\$ de Lisboa. E finalmente 120\$ «relativos ao 2.º semestre de 1967», do assinante 19205.

Chamamos, uma vez mais, a atenção dos nossos Amigos para que os donativos sejam endereçados à CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA. Assim, não há trapalhadas. Entendi-do?

Júlio Mendes

Visado pela
Comissão de Censura

TEATRO AVENIDA

COIMBRA

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: no Lar do Gaiato, Tel. 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia; e nas bilheteiras do Teatro Avenida.

11 de Março

Às 21,30 h.

TRIBUNA de Coimbra

Aquele dia foi todo para o serviço de irmãos pobres e aflitos. Foi um dia cheio de encontro, com o Senhor aflito no seu Corpo Místico.

O primeiro encontro foi com tio Luís. Eu vinha do Altar e ele estava à minha espera. O tio Luís foi um homem válido e de saúde, mas fraco de senso. Enquanto teve saúde foi esgravatando o pão de cada dia. Hoje, com os anos e a doença, vai mendigando. Queria pedir-me para ir para o Calvário, mas o tio Luís não é um abandonado e é um homem muito independente.

Enquanto atendia o tio Luís alguém me falou em duas vizinhas, ambas muito necessitadas. Viúvas e com filhos, mas todos muito pobres e com filhos pequeninos. Uma delas teve um ataque e ficou paralítica. Os filhos tratam-na aos dias. A outra, tuberculosa, vive envergonhada com o pocochinho que os filhos têm para todos.

A Opel levou-nos a terra distante visitar um dos nossos filhos doentes. Vivia feliz com seu trabalho e da mulher. A doença, sem se manifestar, foi-o minando. Quando deu por ela correu à medicina. Os tratamentos pelas Caixas são, muitas vezes, burocráticos e pouco eficientes. Ele, aflito, não esperou. Gastou o que não tinha e ficou em dívida. O que interessa é tratar-me. Com saúde ganha-se muito dinheiro, o João tem razão.

Outra vez na estrada seguimos para um dos arrabaldes da cidade à procura da família doente, com oito filhos pequeninos, que vive numa barraca de caixotes, de sardinha. Perguntámos a muita gente e ninguém nos soube dizer.

Seguimos para outro arrabalde. É uma família com dez filhos que vive com uma receita apertada e a quem ajudamos no pão. O chefe da família, operário, queixa-se de que o patrão muda mais fácil-

mente de carro do que ele de camisa.

Era perto da noite quando chegámos à barraca do Manel. Ele, guarda noturno numa fábrica, estava a dormir. A mulher tinha saído com os filhos e levou a chave. Falei com o Manel ao janelo. Ele disse-me da sua pouca saúde e do tempo em que esteve internado nos Hospitais. Tem outra vez uma dívida grande na mercearia e senão se envergonhava. Animei o Manel, prometi pagá-lhe a conta e dar-lhe alguma madeira para soalhar parte da barraca.

De regresso veio-nos ao encontro uma mulher que já não via há muito. Ela conheceu a carrinha. Contou do seu filho com ataques e mudo e do marido muito doente. Agradeceu mais uma vez os materiais que há tempos lhe demos para consertar a barraca. Se não fosse o senhor, tínhamos morrido com frio.

Na cidade pagámos a conta do Manuel e fomos a outra família. Estavam só os filhos e era uma algazarra. Beijei-os e sentei-me na salinha. Contavam muitas coisas. A mais velhinha disse que gostava muito de estudar, mas tinha de tomar conta da casa e dos irmãos. Passada uma hora chegou a Mãe, carregada com o cesto e com mais um filhinho quase a nascer. O Pai é engraxador e doente. Deixei-lhes cobertores e para a renda que está muito atrasada.

Terminei este dia numa reunião de cristãos. Apetecem-me muitas vezes gritar-lhes ao ouvido de que havia encontrado o Senhor que andava à procura de quem O amasse mais nos Irmãos.

Padre Horácio



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE